

**Edição**

Instituto do Emprego e Formação Profissional  
Delegação Regional do Norte

**Título**

Os desafios das novas oportunidades de aprendizagem ao longo da vida ORIENTAR-QUALIFICAR  
- CERTIFICAR

**Direcção Editorial**

José M. Castro e Celina Geraldes

**Coordenação Editorial**

Sílvia Vieira

**Data da Edição**

Outubro 2007

**Tiragem**

80 exemplares

**Depósito legal**

231160/05

**ISBN**

978-989-638-006-9

**4 ORIENTAR. QUALIFICAR. CERTIFICAR.**

## ÍNDICE

<b>NOTAS DE APRESENTAÇÃO</b> .....	9
Dr. Avelino Leite .....	11
Delegado Regional do Norte do IEFP	
António Rial Sánchez e Margarita Valcarce. ....	13
Presidência e Dirección da Organización Galega do Congreso	
<b>CONFERÊNCIAS</b> .....	15
<b>A VIDA TODA PARA APRENDER - oportunidades e desafios</b> .....	17
Joaquim Azevedo	
Presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica	19
<b>ORIENTAR - OUALIFICAR – CERTIFICAR</b> .....	23
Luísa Falcão	
Directora do Departamento de Certificação Profissional do IEFP.....	25
Maria Luísa Rodriguez Moreno	
Catedrática de Orientación Profesional da Universidade de Barcelona.	27
<b>O VALOR DA SABEDORIA: paradoxos do aprender até morrer</b> .....	41
José Eduardo Pinto da Costa	
Professor Catedrático de Medicina Legal e Toxicologia Forense .....	43
<b>O FI C I N A S DE TRABALH O</b> .....	51
<b>Longevidade pessoal - Longevidade profissional</b> .....	53
Marta Sousa Ribeiro	
Conselheira de Orientação Profissional do Centro de Emprego do Porto Ocidental.....	55
Miguel Carretero Diaz	
Professor na Universidade de León .....	57
<b>RECONHECER VERSUS CERTIFICAR COMPETÊNCIAS</b>	
<b>-Construir pontes entre territórios distantes?</b> .....	79
Isabel Meio	
Directora do Centro de Formação Profissional de Braga .....	81
Eduardo Garcia Mosconi	
Responsable da Calidad da Dirección Xeral de FP e Ensinanzas Especiaisda Conselleria de Educación e Ordenación Universitaria da Xunta da Galicia	87
<b>REABILITAR PARA O TRABALHO</b> .....	89
Jerónimo de Sousa	
Director do Centro de Reabilitação Profissional de Gaia.....	91

<b>SESSÕES TEMÁTICAS.....</b>	<b>95</b>
<b>RECONHECIMENTO E VALIDAÇÃO DE COMPETÊNCIAS.....</b>	<b>97</b>
<b>Certificação no Processo de RVCC: e depois? As repercussões do RVCC no adulto certificado e o papel dos profissionais na experiência de certificar Joana Fernandes e Mariana Paterna Dias..</b>	<b>99</b>

**ORIENTAR. QUALIFICAR. CERTIFICAR.**

**Joaquim Azevedo**

Presidente do Centro Regional do Porto da Universidade Católica

## **A VIDA TODA PARA APRENDER: OPORTUNIDADES E DESAFIOS**

Agradeço ao IEFEP o convite formulado para proferir esta Conferência de Abertura e saúdo as comunidades do Norte de Portugal e da Galiza que aqui se encontram. Felicito-vos pela regularidade e interesse desta iniciativa em que já por várias vezes participei.

Quem profere uma conferência inaugural abre a porta, lança pistas, enuncia desafios e, não menos importante, quebra o gelo.

Permitam-me, por isso, que vos deixe aqui uma reflexão mais livre e solta dos constrangimentos impostos pelas temáticas, pelos números, pelas iniciativas e pelas tensões que comandam o momento presente, em torno do mote que me foi dado: "a vida toda para aprender: oportunidades e desafios".

Temos a vida toda para aprender, é verdade. Ter a vida toda para aprender é uma fonte de grande alegria e de fundada esperança para cada ser humano: aprender vivifica a vida, ajuda-nos a descobrir o outro, a encontrarmo-nos connosco, a desbravar as diferentes culturas que nos envolvem e a viver em comum e em paz.

Aprendemos todos desde logo na vida e com a vida, com o que somos e naquilo em que nos tornamos. Aprendemos seja na família seja na escola, seja no clube recreativo ou no emprego, na profissão que exercemos e na rua onde moramos, com os nossos vizinhos, com os parecidos e com os diferentes. Aprendemos a andar, a falar, a sorrir, a ler, escrever e calcular, a amar e a odiar, a cooperar e a competir, a trabalhar e a usufruir do tempo livre, a projectar a própria vida e, por vezes, a andar às voltas dentro dela, sem saída.

Tenho acompanhado crianças, adolescentes, jovens e adultos nos seus processos de aprendizagem social [não familiar], quer centrados na escola, quer fora dela, nas empresas e nas comunidades. O que posso testemunhar é que aprendizagem é uma fonte renovada de vida, abre os olhos e desdobra a alma, une os seres humanos, reforça os laços e cria comunidade. Ao aprendermos empreendemos viagens; acendem-se luzes interiores que iluminam o mundo e a vida, mormente sob o estímulo dos mestres.

A Aprendizagem ao Longo da Vida [ALV] é por isso, como enunciou a UNESCO, a porta que abre o Séc. XXI. Gostaria de vos falar acerca do que tenho aprendido acerca do que caracteriza, envolve, e desafia o "ter toda a vida para aprender".

Tenho aprendido muito sobre a aprendizagem, ao longo destes anos dedicados à educação. Disso vos falarei, então, em vários pontos breves, cada um deles um novelo para desfiar em outras ocasiões.

Para começar: não há pessoas que não aprendem. Cada um e todos aprendemos ao longo de toda a vida, desde logo na vida e com a vida, nesta viagem que é sempre única e breve sobre a Terra. Podemos discernir melhor este princípio olhando-o sob dois prismas. Por um lado, cada pessoa possui uma capacidade inalienável em ordem à perfectibilidade e à realização humana, qualquer que seja a situação concreta em que se encontre, diante de quem não podemos ter outro olhar que não seja um olhar repleto de esperança [cf. Isabel Baptista <sup>1</sup>]. Por outro lado, cada ser humano, na sua relação com o outro, é um ser em desenvolvimento, que aprende

---

<sup>1</sup> Consultar textos de Isabel Baptista, por exemplo: "Dar um rosto ao futuro. A educação como compromisso ético". Porto: Profedições, 2005.

sempre, tanto mais quanto melhor forem proporcionadas as adequadas condições para tal, independentemente da sua condição [etnia, género, estatuto social, local de vida, etc.].

Se não acreditarmos profundamente nestes princípios (o da perfectibilidade e o da educabilidade de cada ser humano) de pouco vale qualquer empreendimento educacional. Sem estes valores superiores de base, podemos ser tecnocratas uma vida inteira sem nunca "morder" o essencial, atrapalhando e até dificultando a vida de muitos seres humanos\_

Só aprendemos na relação com o Outro, pois é o Outro que mais e melhor nos revela, fazendo-nos sair de dentro de nós. Ninguém se des-envolve sozinho [desfazer o novelo). Só na comunidade de próximos -vizinhos ou não - é possível ancorar uma aprendizagem ao longo da vida, para toda a vida, para todos e para cada um. Sabemos o quanto é preciosa a comunidade que nos rodeia para o desabrochar de cada um, pois as possibilidades de desenvolvimento humano precisam de ser apreendidas, comunicadas, estimuladas, acarinhadas, acompanhadas e reconhecidas. Precisamos de proximidade para aprender, de instituições e de pessoas, e precisam deste cuidado sobretudo aqueles que ninguém rodeia, os que estão sós.

Hoje, quando tanto nos fechamos no individualismo, nos guetos, nas "comunidades de mesmidade" [Bauman <sup>2</sup>], é preciso estarmos conscientes de que estamos a fechar drasticamente as oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento humano da generalidade dos cidadãos.

Cada cidadão e todos os cidadãos precisam de poder usufruir de condições de acesso às oportunidades [novas e velhas) de aprendizagem ao longo da vida, o que nem sempre é assegurado e com a devida atenção. Não basta levantar bem alto catálogos de "ofertas formativas" para todos os públicos, precisamos de conceder uma atenção muito especial a todos aqueles que estão mais afastados, qualquer que seja a razão, do acesso ao usufruto dos bens educacionais e culturais, as populações em risco, as "margens" de vulnerabilidade, os mais esquecidos na acção social e comunitária, os "iletrados".

Quantas vezes nos custa tanto erguer um projecto local, que acabamos por ficar satisfeitos só de o vermos "aprovado". Depois esquecemos, muitas vezes, as pessoas, que ficam lá pelo meio dos papéis da execução dos projectos. E, neste caminho, as pessoas passam assim de sujeitos [na concepção] a objectos [na execução], num deslizamento dramático comum a muitas acções sócio-educativas.

A aprendizagem, ao longo da vida não é só um conjunto de cursos e catálogos de cursos pré-formatados, intervenções programadas segundo esclarecidas "estratégias", para atingir "públicos-alvo" pré-estabelecidos, como se de um qualquer jogo de guerra se tratasse.

Não basta construir uma boa oferta [um belo projecto local] e esperar que os cidadãos "que precisam" apareçam [o público-alvo!], é melhor começar por estar próximo, ouvir, comunicar, estabelecer laços e compromissos e daí fazer nascer os pequenos projectos que são resposta para cada momento [muitos deles nascem à roda de necessidades das pessoas que se juntam, em torno de dinâmicas bem estruturadas de fomento da participação local].

Desde as mais tenras idades é preciso desenvolver competências de aprendizagem autónoma, para o que é determinante que a educação escolar de base permita a cada um adquirir as ferramentas básicas essenciais ao nível da língua materna, da leitura, da escrita, do cálculo, da compreensão da história e da sociedade locais, da expressão artística, das ciências e das técnicas. Sem alicerces sólidos, o acesso hoje facilitado a caudais infundáveis de informação, traduz-se no acesso à selva mais indecifrável. Aqui, nesta fase inicial, ninguém pode ser deixado para trás.

A mediação entre quem quer aprender, ainda que apenas o saiba esboçar e mal, e os projectos e oportunidades de aprendizagem, existentes e a criar, é um trabalho árduo e imprescindível, que exige capacidade de ouvir, de respeitar e de apreciar os pequenos passos do desabrochar humano e cidadão, de valorizar, de estimular, um trabalho rigoroso e profissionalmente muito exigente. Precisamos, por isso, de mais mediadores de aprendizagem, fundados numa sólida formação em pedagogia social.

Por outro lado, os recursos educacionais das comunidades são muito mais vastos e ricos do que alguma vez imaginamos. Precisamos de os conhecer, inventariar, reconhecer, trazer à luz as suas riquezas, gerando mais e mais implicação e gerando não apenas acordos formais mas compromissos claros na promoção do bem educacional comum [autarquias, centros de saúde, bibliotecas, empresas, museus, associações culturais, centros juvenis, casas de cultura, misericórdias, clubes, jornais,...].

---

<sup>2</sup> , Ver textos de Zigmund Bauman, por exemplo: "Comunidad. En busca de seguridad en un mundo hostil". Madrid: Siglo veintiuno de Espana editores, 2003

Hoje, o nosso principal problema com os recursos educativos de uma comunidade já não é a sua quantidade, é a sua articulação, intercomunicação e convergência em dinâmicas precisas, concretas, úteis às pessoas concretas.

As escolas são apenas uma parte [muito importante e insubstituível] dos recursos educativos de uma comunidade, recursos estes que se devem mapear, contactar, envolver em dinâmicas concretas, mobilizando o que cada instituição e pessoa têm para dar.

A minha experiência diz-me que quando os actores sociais de uma comunidade apostam a sério e ao longo de anos na educação e na aprendizagem de todos ao longo de toda a vida, nada fica igual, até as paredes se movem, sem que alguma vez isso tivesse sido sequer previsto. Paredes que se movem para tornar os espaços maiores e mais acessíveis a uma educação acolhedora de todos, sobretudo dos adultos e dos mais vulneráveis.

Podemos celebrar inúmeros protocolos e acordos e nunca chegar a alcançar qualquer compromisso concreto de alguém.

Para quem aprende é decisivo o estímulo e incentivo dos demais cidadãos e instituições sociais. Ora, os saberes e as competências adquiridos por cada um devem ser reconhecidos socialmente, o que requer processos abertos, acessíveis, flexíveis e rigorosos de validação e até de certificação, quando for caso disso.

A certificação não é um milagre, mas o resultado de um caminho percorrido que implica sobretudo o reconhecimento social de cada um e de percursos de aprendizagem realizados, quantas vezes fora de qualquer instância formal e com enorme esforço pessoal. Agora que vamos construir catálogos nacionais de perfis profissionais e de competências, alargar a rede de Centros de Reconhecimento e Validação de Competências e criar novas ofertas de formação complementar, mais urgente é atender à acessibilidade e à flexibilidade dos sistemas. Eles servem pessoas concretas e estas não estão ao serviço do rolo compressor dos sistemas

O modelo escolar é o modelo hegemónico nas práticas de aprendizagem ao longo da vida, fora dos ambientes escolares, o que é muitas vezes um entrave enorme às aprendizagens e estas apelam sobretudo para outros modos, tempos, espaços, métodos... para outra liberdade e responsabilidade.

O voluntarismo na oferta de formação profissional tem limites! No actual contexto económico e social, há uma grande parte das nossas empresas que estão baseadas no "equilíbrio das baixas qualificações e baixos salários", o que faz com que a produtividade marginal dos acréscimos de qualificação que cada trabalhador possa realizar sejam, logo à partida, baixos ou nulos. Ou seja, qualificação para quê? Novas oportunidades para quê? O desemprego, a precariedade dos vínculos laborais e todo um vasto conjunto de transformações do mercado de trabalho, envolto agora numa enorme incerteza, têm acentuado os comportamentos defensivos por parte da maioria dos assalariados, de quem se poderia porventura esperar uma atitude mais ofensiva e mais ligada à melhoria do desempenho (onde as novas competências têm um papel central).

As TIC são instrumentos, meios com uma função muito precisa e limitada, não só panaceia para coisa nenhuma e poucas vezes são usados, para já, como instrumentos úteis de apoio às aprendizagens concretas.

O paradigma da aprendizagem ao longo da vida veio descentrar e multiplicar os centros educativos e alterar os tempos, os espaços, os modos, as modalidades de ensino e de aprendizagem, introduzindo uma tal complexidade e flexibilidade que têm arrastado o "sistema educativo" para uma "crise" de oportunidades sem precedentes. Temos de as saber aproveitar com ambas as mãos, tão exigente é hoje a nossa sociedade em conhecimento.

Estas são algumas notas acerca do que tenho aprendido nas minhas actividades de ensino e aprendizagem. Espero que algumas portas se tenham aberto.

Como diz Mia Couto, ao andar encontramos mais pedras que caminho. Mas temos a graça de aprender, sempre.

Bom trabalho para o Vosso Congresso Internacional.